

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO NEGRO EM PROGRAMAS JORNALÍSTICOS POLICIAIS

Michelli Cristini Cardoso Moreira de Oliveira (IC) e Denise Cristine Paiero (Orientadora)

Apoio: PIBIC Santander

RESUMO

Este artigo tem o intuito de mostrar como a imagem do negro é vista dentro do jornalismo policial, mais especificamente no programa de TV Cidade Alerta, apresentado por Marcelo Rezende. Analisaremos como o apresentador e/ou repórteres se referem quando o negro é acusado e como é feita a abordagem quando é o branco. E os estereótipos que surgem nessas abordagens. Dessa forma, pretendemos compreender como cada “acusado” é apresentado no segmento policial televisivo.

Palavras-chave: jornalismo policial, negro, racismo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to show how there is an inequality in the way stories are reported when it involves people of color in police journalism, more specifically on the TV show Cidade Alerta, starring Marcelo Rezende. We will analyze how this TV presenter and other reporters refer to black suspects as opposed to white ones. As well as some of the stereotypes that emerge in their reporting. Through this, we intend to show how the accused are often represented on popular police and crime television media.

Keywords: police journalism, black, racism.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa é compreender se o jornalismo policial, transmitido pela televisão, acaba sendo sensacionalista e seletivo. Para isso, pretende-se entender se a aparência do acusado influencia na forma de como a ocorrência será transmitida pelo apresentador. O recorte será no programa jornalístico “Cidade Alerta”, da TV Record, apresentado por Marcelo Rezende transmitido atualmente na cidade de São Paulo. De acordo com o site ‘Notícias da TV’, que mede a audiência dos programas de televisão, no dia 09 de outubro de 2015 o programa Cidade Alerta teve 6,4 de audiência.

Acredita-se que a imagem do negro no jornalismo policial é geralmente acompanhada de preconceitos. Quando um negro é preso ou assassinado o discurso utilizado pelos apresentadores e/ou reportes são de depreciação e condenação.

Segundo Arbex (2001, p. 98) “a televisão é um polo ativo do processo de seleção e divulgação das notícias e também dos comentários e interpretações que delas são feitas. Ela não é mera ‘observadora’ ou ‘repórter’: tem o poder de interferir nos acontecimentos.” Neste ponto, podemos perceber em alguns programas a pré-condenação de alguns suspeitos, na maioria das vezes negros, pela fala do apresentador e/ou repórter.

O jornalismo tem um papel social, além disso, é também um importante formador de opinião. Dependendo da forma como seus conteúdos são apresentados, o receptor pode tirar conclusões, formar imagens simbólicas acerca de um fato e fazer escolhas. Como agente da comunicação, o jornalista, precisa saber de qual maneira ele irá expor suas ideias e como suas ideologias e crenças chegam ao seu público.

A mídia tem o papel de construir imagens, conforme afirma Gilberto Wildberger Almeida ao dizer que “a identidade de uma sociedade é o resultado de diversos elementos como sua história, mitos de origem, literatura, inclusive o Estado e a mídia”. Uma questão importante a ser percebida nesse contexto é a forma como a imagem do negro é criada pelos meios de comunicação de massa.

Francisco Fernandes Ladeira, especialista em Ciência: Brasil, Estado e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em artigo no portal “Observatório da Imprensa” (2014, online), afirma que:

Não é preciso uma longa análise hermenêutica para constatar que nos principais meios de comunicação de massa os negros ainda continuam sendo associados a antigos estereótipos como a ‘mulata sensual’, o

‘bandido’ ou o ‘negro malandro’, e a profissão consideradas socialmente inferiores, como empregadas domésticas e jardineiros. Nas campanhas publicitárias são raros os rostos de pele escura. Além da estigmatização em telenovelas, os negros também são ridicularizados nos programas de humor, tratados de maneira humilhante nos programas policiais e encontram em publicações da imprensa conservadora um importante obstáculo para as suas principais causas e reivindicações.

O negro na mídia é visto sempre nos programas policiais, como o bandido, nas novelas é a empregada doméstica, o porteiro, o capanga, o jagunço, o traficante, quase não se vê protagonistas negros ou negras nos filmes, minisséries e/ou novelas. O papel do negro na televisão, na grande maioria das vezes, costuma ser restrito e reduzido a condições estereotipadas.

A importância de ser estudado esse assunto é mostrar como a mídia, o jornalismo policial, tem transformado a notícia em algo sensacionalista, sobretudo quando a personagem acusada é um negro. Aqui, iremos observar se os coatores e atores desses crimes são pré-julgados primeiro pelos jornalistas, muitas vezes, antes mesmo de serem levados ao poder judiciário.

Estes programas são transmitidos pensando em uma classe social e, a mesma classe que sofre todos os dias por morarem na periferia, conforme afirma HAMILTON (2009, p. 221) “esses programas encontram espaço, principalmente em canais que têm como público-alvo a população de classe média e baixa”.

Entendemos que resquícios de toda a história de sofrimento e preconceito com os negros no Brasil encontra respaldo – e são constantemente reforçados – pelo programa jornalístico policial que aqui será tratado, o que torna a discussão do tema importante e urgente. Borges (2012, p. 70) confirma isso dizendo:

É, inclusive, por meio do telejornalismo brasileiro que os negros continuam sendo percebidos sob a camuflagem dos estereótipos que lhes são atribuídos desde a sua chegada do continente africano. Os brancos são o outro lado da moeda, são as vítimas que sobrevivem ao caos causado pelos negros. Resulta daí um Brasil dividido: o dos negros (do mal) e dos brancos (do bem).

Justifica-se este trabalho pela importância do assunto, segundo levantamento feito pela Infopen, a cada três presos no Brasil dois deles são negros, que totaliza 67%. Através

de levantamentos realizados pela Anistia Internacional, 77% dos mortos no Brasil são de jovens negros, entre 15 a 29 anos.

Podemos ver através destes dados, que não é por acaso que os negros são aqueles que aparecem nas notícias policiais.

Existe em nossa sociedade um racismo institucional, segundo Jacqueline Sinhoretto, coordenadora do grupo de pesquisa sobre Violência e Administração de Conflitos em Universidades, realizada na Universidade Federal de São Carlos (UFScar), diz em entrevista ao G1 que “não é que o policial como pessoa tenha preconceito. É o modo como o sistema de segurança pública opera, identificando os jovens negros como perigosos e os colocando como alvos de uma política violenta, fatal”. Isso acontece também com os programas de televisão, com o intuito de transmitir apenas notícias policiais, eles estão inseridos dentro deste sistema de racismo institucional.

Como comunicador precisa-se ter a preocupação do que está sendo transmitido e como essa mensagem está chegando até o seu receptor. Tratar a questão afro-descente requer cuidado, para que não seja feita de forma racista ou preconceituosa, Carraça e Borges (2004, p. 22) afirma isso dizendo:

Os profissionais de imprensa que não tiverem preparados para coberturas jornalísticas sobre o segmento negro podem reforçar atos racistas, discriminação e estereótipos, mesmo quando a linha editorial do jornal não for está.

Iremos analisar dois casos específicos, do programa Cidade Alerta, analisando como o apresentador e/ou repórteres tratam a situação de acordo com o estereótipo dos ‘personagens’.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa deu-se através da importância de ver o jornalismo policial, em sua maioria ser apresentado, como ‘personagens’, o negro.

O jornalismo tem o poder de formar opinião, através de uma reportagem ele pode fazer com que o se receptor (público) tenha uma impressão positiva ou negativa do que lhe foi apresentado.

No jornalismo policial isso fica evidente ao analisarmos a forma que a notícia é dada, como ela é desvendada e de que maneira é levada até o telespectador, Arbex (2001, p. 32) afirma isso ao dizer “Ora, uma das consequências da prática de apresentar o jornalismo como o *“shornalismo”* é o enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre o real e o fictício”. O jornalismo policial tem ganhado espaço como show, muitos apresentadores utilizam-se de forma de piada ao noticiar fatos assombrosos.

A imagem do negro no jornalismo policial ainda tem sido algo a ser discutido, o negro na televisão ainda é aquele que não possui *status* social, aparece nos programas policiais com maior frequência, Borges (2012, p. 140) confirma:

... a TV comercial, tradicionalmente tida como um dos veículos mais preconceituoso e intolerante, disseminador de ideias de superioridade e inferioridade racial que influencia negativamente a opinião pública, com a maioria de pessoas negras presente no noticiário policial, associada à marginalidade, à pobreza e à violência...

E também afirma:

Ora, em um país onde mesmo com o fim da escravidão, a história foi e continua sendo severa e até desumana com os negros; onde o preconceito em relação a este grupo permanece; onde o cotidiano continua influenciando negativamente sua autoestima, as constantes vinculações de imagens do negro nos extremos apontados acima, omitindo sua participação (também) no campo do *cidadão comum*, funcionam como um ícone dos tempos da escravidão e têm consequências negativas imensuráveis e altamente prejudiciais na construção da desejável, porém inexistente, democracia racial no Brasil. A mais imediata delas está diretamente ligada à visibilidade: é o reforço dos estereótipos. (p. 74)

O programa policial analisado nesta pesquisa é o Cidade Alerta apresentado por Marcelo Rezende, que possui grande audiência, sendo assistido, por sua grande maioria, pela classe C e D conforme mostra Flávia Silveira Serralvo em seu projeto de mestrado “Tragédias do final da tarde: A configuração de notícias nos telejornais policiais Brasil Urgente e Cidade Alerta”:

... o público do horário vespertino é, em sua maioria, composto por donas de casa e jovens de classe C e D, o que levou as emissoras a investirem no “filhão popular, mas sem a exploração da miséria alheia”... o programa

que está no mosaico no final da tarde deve “alavancar” a audiência para, mais tarde, passar o bastão para os programas da faixa nobre, quando a classe AB e a família chegam em casa para ver TV (p.47 e 49).

Com isso podemos perceber que as mesmas pessoas que assistem a este programa são as que, em sua maioria, aparecem nos noticiários dos programas. Por esse motivo a importância de realizar a pesquisa, mostrando como a construção da imagem do negro é levado até o público.

Assim como Arbex (2001 p. 54) diz que:

O desaparecimento das fronteiras entre ficção e realidade atribuiu à mídia não apenas a capacidade de criar fatos, como também a de criar a “opinião pública” sobre os fatos que ela mesma gerou. A capacidade de “colonização do imaginário” pela mídia transformou a própria opinião em mero simulacro.

Podemos afirmar que o que passa nela é um influenciador de opiniões, por este motivo, vemos a importância do desenvolvimento deste artigo.

O objetivo desta pesquisa é mostrar como o negro é visto dentro do jornalismo policial, de que maneira é exposto pelos repórteres e/ou apresentadores, como são muitas vezes pré-julgados na reportagem, antes mesmo de serem julgados pela justiça.

Queremos mostrar a diferença que existe, através do estereótipo, quando é um negro sendo o coator ou ator de crime e quando é um branco. A maneira que a construção da imagem é realizada pelo apresentador do programa policial, Cidade Alerta.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi construída com base em pesquisas bibliográficas e análise de alguns episódios do programa pré-definidos. A pesquisa também contou com trabalhos acadêmicos relacionados sobre o assunto, jornalismo policial e programação televisionada de violência diária, além da bibliografia sobre o negro dentro da mídia.

A bibliografia para sustentar o projeto foi levantada através de como o jornalismo tem levado a questão racial dentro de seus meios de comunicação. Também foram escolhidos dois episódios, recortados, do programa escolhido, Cidade Alerta, para a realizar a análise do conteúdo do artigo.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A imagem do negro dentro do jornalismo policial precisa ser analisada e repensada, visto que o negro no Brasil tem sofrido até hoje vários tipos de preconceito, estando ainda na margem da sociedade.

Borges (2012, p. 28) aborda isso ao levantar essas questões:

... A cobertura jornalística pretensamente “objetiva” dos acontecimentos que envolvem as “comunidades à margem da cidade incluída”, entre as quais os negros são majoritários, se dá de forma estereotipada, espetacularizada. Nossos noticiários, os dos veículos de impressos entre eles, colocam em destaque os aspectos negativos dessas comunidades, deixando de fora das enunciações qualquer referência às razões que levam ao desvio da norma, ao desvio social, integrantes de grupos humanos historicamente discriminados e marcados pela desigualdade de oportunidades e usufruto de bens simbólicos e materiais gerados pela sociedade do país. Muitos dos quais protagonizam um dos maiores dramas sociais da contemporaneidade brasileira: são jovens negros da periferia do país, aqueles percentualmente majoritários também nas estatísticas de homicídios. Os *medias* são responsáveis por uma representação dos segmentos afro-brasileiros marcada por uma subalternidade racial e social dada como natural. Os meios de comunicação, a não ser em casos flagrantes de discriminação que chegam à opinião pública, tende a *negar a existência do racismo*, fator estruturante da sociedade brasileira. Também recalcam aspectos positivos das manifestações culturais negras, além de mostrar indiferença profissional e desconhecimento de aspectos históricos e relativos à contribuição civilizatória dos negros tanto no Brasil, como nos demais países da diáspora.

O negro é visto como o marginal, e nos programas jornalísticos policial, são em sua maioria os quais mais ocupam lugar nas notícias, fazendo com o preconceito e a discriminação aumente.

Foram escolhidos dois recortes do programa Cidade Alerta para ser analisada a construção das imagens, através dos estereótipos.

Caso 1:

No programa Cidade Alerta do dia 08/03/2016 foi passado o caso, chamado pela reportagem, “Maníaco Sexual de Poá”. O caso é de um rapaz que abusou sexualmente de 16 mulheres e todas as provas apresentadas pela polícia mostram que ele é o procurado. O acusado é branco. Ao começar a falar sobre o caso, Marcelo Rezende fala:

“Repara um rapaz bem aperfeiçoado, né? Um rapaz bonito, que pode conquistar!”

A reportagem continua e ele acrescenta:

“Rapaz bonito, com corpo bonito, olha lá! ”

“Ah! É doente! ” – Fala em tom de alívio, ao ouvir da produção que o rapaz pode ser considerado doente.

A reportagem mostra como o acusado agia, realizando uma simulação do caso, de como todas as provas levam até ele.

Durante a reportagem Rezende diz:

“Esse é bombeiro civil, o nome dele é Daniel, 26 anos de idade, que todos apontavam como o maníaco de Poá e ele teria abusado de 16 mulheres. O que acontece? A polícia descobre que ele é casado há 5 anos e que tem uma filhinha de 3 anos”.

Ao término da reportagem de 3 minutos e 51 segundos, ele acrescenta:

“A pergunta que eu te faço é: Como é que um cara BONITO, porte físico legal, casado, uma filhinha de três anos, profissão? Sabe por quê, nasce com o chip trocado! ”.

Caso 2:

No dia 19/10/2013 é mostrado o caso de Jair Silva Sena, um rapaz que entra pela chaminé de um restaurante para realizar um furto. Sena é um menino negro.

Ao começar a reportagem, Marcelo Rezende fala:

“Olha a cara desse! Esse Zé Mané aí, correto! Ele é conhecido como Escadinha, certo? ”

Em tom de humor, Rezende faz uma simulação de como Jair planejou o crime e diz:

“Mas rapaz você vai se sujar todo! ... Mas sou neguinho mesmo, ninguém vai ver”

E acrescenta em sua narração:

“Ninguém reparou mesmo.”

“E neguinho é manco!” Diz Rezende, ainda em tom de piada.

A reportagem entra, e a repórter Fabiola Gadelha começa falando:

“O neguinho foi preso! Neguinho é bom para escalar, furtar na zona norte da cidade de Manaus. Neguinho está agoniado porque sabia que Fabiola ia entrevista-lo, tá chatiadinho”, ela também faz todos esses comentários em tom de piada.

Começa a entrevistar o acusado, que se encontra dentro de uma delegacia e comenta:

“Neguinho agora a coisa pegou para ti”

“Se você foi vítima de Neguinho, deve comparecer ao 15º DIP”

“Vai chover de vítima, né Neguinho”

E termina a reportagem perguntando:

“E agora você vai para onde? Agora você vai ser atuado em flagrante e vai para a cadeia” – fala isso em tom de orgulho.

Rezende entra no ar ao vivo com Fabiola e ela acrescenta e termina a matéria dizendo:

“Neguinho é abusado. Neguinho já é conhecido pela polícia, é bom que a justiça entenda que ele tem que passar bom tempo na cadeia”.

Nos dois casos, percebemos que existe um crime realizado pelas pessoas que estão aparecendo na reportagem. No caso 1, Daniel está sendo acusado de ter realizado abuso sexual de 16 mulheres na cidade de Poá – São Paulo, já no caso 2, Jair é acusado de ter realizado um furto em um restaurante na zona norte da cidade de Manaus. Ambos estão presos, e a polícia possui provas de que eles são os autores destes crimes.

Podemos perceber que no caso 1, Marcelo Rezende encontra-se incomodado pelo fato de “rapaz bonito” ter realizado tal crime, porém no caso 2, ele não apenas faz o caso virar piada como afirma em todo momento que Jair é culpado.

A diferença de tratamento, pelo estereótipo de cada 'personagem' nos dois casos é explícita, Marcelo Rezende e seus repórteres mostram que preferem um do que outro e, deixam isso claro, em suas falas.

No caso 1 ao dizer que "Esse é bombeiro civil, o nome dele é Daniel, 26 anos de idade, que todos apontavam como o maníaco de Poá e ele teria abusado de 16 mulheres. O que acontece! A polícia descobre que ele é casado há 5 anos e tem uma filhinha de 3 anos", Rezende mostra que ele não está condenando, o acusado, que ele apenas está mostrando os fatos jornalísticos da matéria apresenta, que até que se prove o contrário Daniel não é culpado.

Já no caso 2, Rezende começa dizendo "Esse Zé mané aí, correto! Ele é conhecido como Escadinha, certo?!". Diferente do caso 1, o rapaz do caso 2 não tem nome, não tem família, não possui profissão, ele é mais um que cometeu um crime e deve pagar por isso, na cadeia.

No caso 1 Marcelo Rezende faz uma pergunta ao público, que ele mesmo responde:

"A pergunta que eu te faço é: Como é que um cara BONITO, porte física legal, casado, uma filhinha de 3 anos, profissão? Sabe por quê, nasce com o chip errado". No caso 2, Fabiola faz uma pergunta que ela também responde: "E agora você vai para onde? Agora você vai ser atuado em flagrante e vai para a cadeia! "

Nos dois casos, nenhum foi preso na cena do crime, nos dois casos a polícia junto às provas que levaram até os acusados, porém para o Cidade Alerta, o caso 1 o suspeito não ainda culpado, visto que ele é "bonito, aperfeiçoado, que pode conquistar", entretanto no caso 2 ele é "o neguinho manco".

Ao analisar os dois casos, podemos afirmar que no jornalismo policial a aparência do acusado influencia a forma que o apresentador e/ou repórteres irão realizar a reportagem. Como cada um é tratado e julgado pelos jornalistas através do seu estereótipo.

O rapaz branco, Daniel, mesmo com todas as provas apontando para ele, ainda era inocente ao apresentador, visto que ele é "bonito", já o rapaz Jair, nem nome possuía na reportagem.

No caso 1, uma reportagem de 15 minutos e 31 segundos, Rezende fala 4 vezes que o acusado era bonito e fala seu nome 2 vezes, porém, no caso 2 o acusado é

chamado de Neguinho 10 vezes e seu nome é citado apenas 1 vez durante a reportagem de 6 minutos e 33 segundos.

O jornalista é um formador de opinião, e com esse tratamento, levado pelo estereótipo, leva o telespectador a ter uma imagem negativa do negro. Borges reforça isso dizendo:

Os estudos concernentes à mídia convencem-nos de que este tem sido um “território” interdito às populações negras e, também, um espaço de constante criação de estereótipos. Se levamos em consideração que as mídias formam/produzem (sobre) fatos, podemos interferir que a imagem de negros que se quer incutida ou ratificada no imaginário social ainda tem sido, com grande frequência, a daquele (a) que ocupa o “lugar a menos” (2012, p. 36)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

José Arbex Jr. (2001 p.40) diz que “a produção de saber e conhecimento, no mundo contemporâneo, se dá-se por meio de um inevitável jogo que coloca em ação vários sistemas de conceitos científicos e filosóficos, de valores éticos e estéticos”, com isso podemos afirmar que o jornalismo não é apenas ético, que ele também é estético. Cada “emissora e/ou editoria” tem uma estética de como fazer jornalismo.

Nos programas policiais, através deste artigo, pode-se ver que de acordo com o estereótipo do “personagem” a reportagem e ação do apresentador e/ou dos repórteres são realizadas de uma maneira.

Marcelo Rezende em cada um dos casos analisados comporta-se de uma maneira diferente, em um ele se compadece do ator do crime (rapaz branco) e no outro ele apenas o condena pelo o que fez (rapaz negro).

Em um dos casos o ator havia abusado sexualmente de 16 mulheres, enquanto no outro o rapaz havia furtado. Em grau de relevância o caso 1 é bem mais “questionado pela sociedade” enquanto no outro é visto como “mais um caso banal”, porém para Rezende, de maneira subjuntiva, o caso 2 é mais grave que o caso 1, visto que o caso 1 o ator do crime é “bonito, possui uma profissão e família”, já o ator do crime do caso 2 “é um Zé mané!”.

Neste ponto podemos afirmar que o racismo é institucionalizado, na televisão, aparece, já que Marcelo Rezende mostra desde o começo da reportagem seu desprezo pelo ator do crime. Ao chama-lo de Neguinho diversas vezes, sem se preocupar em mencionar seu nome ao seu público receptor, ele deixa claro sua posição. Rezende em tom de piada, diz em sua simulação “mas rapaz você vai se sujar todo! .. Mas sou neguinho mesmo, ninguém vai ver” e acrescenta “ninguém reparou mesmo”, mostra que caso fosse um homem branco, o criminoso poderia ter sido visto pela população, mas já que o ator deste crime era negro, a facilidade de escapar impune era mais fácil. Com isso, o apresentar afirma seu racismo, mesmo que tenha feito incontinentemente, pois além de fazer piada com o fato do rapaz ser negro, também reforça isso em toda a reportagem, preferindo chama-lo de Neguinho ao invés de utilizar seu nome, diferente do que ele fez no caso 1, reforçando que o suspeito tinha nome, família e profissão.

O coletivo Interozes e a Fundação Rosa Luxemburgo criaram uma plataforma, que se encontra ativa desde 14 de setembro, para que pessoas realizar denúncias de violação de direitos humanos realizado pelos programas de jornalismo policial televisionado. O intuito da iniciativa é realizar um ranking. O programa Cidade Alerta foi considerado pela pesquisa como o campeão de abusos.

A relevância deste artigo é mostrar que o jornalismo tem o poder de transformar pensamentos através daquilo que transmite e, com isso formar opiniões. A imagem do negro que é vista, nestes programas, como a ruim, a da pessoa que a sociedade precisa excluir neste caso o que precisa ser preso. Borges (2004, p. 87) reforça isso dizendo “... quer me parecer que os noticiários policiais deixam de fora os não membros da boa sociedade, qualificando-os, destituindo-os discursivamente. Os excluídos sociais são excluídos das formas de bem dizer dos programas policiais”.

Arbex (2001, p.86/7) diz que “o exercício da linguagem condiciona o indivíduo a ver a realidade de acordo com os estereótipos que ela mesma engendrou”, isso afirma o que discutimos mais acima, que o negro é visto como o mal enquanto o branco é visto como o lado bom.

O assunto discutido neste artigo é reforçado através do acontecimento que ocorreu no dia 31 de agosto de 2016, dois fotojornalistas foram agredidos e detidos por policiais militares do Estado de São Paulo ao realizaram a cobertura da manifestação popular “Fora Temer”, um dos fotojornalistas, Vinícius Gomes, é negro e o outro, William Oliveira, branco. Gomes teve sua câmera destruída, sua cabeça aberta, precisando levar quatro pontos. Oliveira foi agredido, porém seu equipamento de trabalho não teve danos e ele não teve nenhum ferimento grave. A mídia mostrou como se apenas Oliveira tivesse sido

detido, ferido e como se o seu equipamento tivesse sido destruído, em nenhum momento nas reportagens, o nome de Gomes é mencionado, mesmo afirmando Oliveira tendo falado para todos os meios de comunicação que Gomes quem deveria estar dando as entrevistas.

O racismo é institucionalizado, é visto como algo normal no meio de comunicação, sendo que deveria ser combatido e mostrado a população que é necessário realizar esse debate.

Precisamos aprender a realizar uma mudança de paradigma, e por meio da comunicação isso é possível, visto que passamos a informação e ajudamos na formação e criação de novas ideias

6. REFERÊNCIAS

CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva (Org.). **Espelho Infiel: O negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. 189 p.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane da Silva (Org.). **Mídia e Racismo: coleção negras e negros: pesquisas e debates**. Rio de Janeiro: Dp Et Alii Editora Ltda, 2012. 248 p.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2001. 290 p.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no séc XX: Neurose**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 202 p.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no séc XX: Necrose**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. 208 p.

PAIXÃO, Patrícia (Org.). **Jornalismo Policial: histórias de quem faz**. São Paulo: In House, 2010. 142 p.

SILVA, Juremir Machado da,. **A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 155p.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1994. 157 p.

SERRALVO, Flávia Silveira. **Tragédias do final da tarde: A configuração de notícias nos telejornais policiais Brasil Urgente e Cidade Alerta**. Disponível em: <https://www.unip.br/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/download/comunic_flaviaserralvo.swf>. Acesso em: 11 ago. 2016.

HAMILTON, Fernando Arteche. **Encenações sobre a criminalidade: as estratégias de produção e emissão de um programa policiaisco de televisão**. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/959/899>. Acesso em: 11 out. 2015.

ALERTA, Cidade. **Valentão do Crime**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dkdjRiHqmP0>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

ALERTA, Cidade. **Preso: Maníaco Sexual.** Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=lpRTQ0nQfSU>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

PAULO, Folha de São. **Site vai reunir denúncias contra programas policiais da TV por violação de direitos humanos.** Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2016/09/1811098-site-vai-reunir-denuncias-contra-programas-policiais-da-tv-por-violacao-de-direitos-humanos.shtml>>.
Acesso em: 15 set. 2016.

TV, Notícias de. **Audiências.** 2015. Disponível em:
<<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/>>. Acesso em: 30 out. 2015.

SOCIEDADE, Organização e. **A sociedade é construída através da mídia ou do Estado?** 2000. Disponível em:
<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10520/7525>>. Acesso em: 24 out. 2015.

NACIONAL, Em. **Levantamento dos presos no Brasil.** Disponível em:
<http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2015/06/23/interna_nacional,661171/levantamento-aponta-que-maioria-dos-presos-no-brasil-sao-jovens-negro.shtml>. Acesso em: 24 out. 2015.

INTERNACIONAL, Anistia. **Campanhas.** Disponível em:
<<https://anistia.org.br/campanhas/jovemnegrovivo/>>. Acesso em: 24 out. 2015.

IMPrensa, Observatório da. **Negro na mídia.** Disponível em:
<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/_ed825_o_negro_na_midia/>.
Acesso em: 26 out. 2015.